

ELÍSIO E RITA

Por Francisco Antônio de Barros e Silva Neto

(de “Um Livro dos Outros”)

Agosto de 1994: véspera de seu aniversário de noventa anos. Estava aprendendo a ouvir estórias, antes de começar o ofício de contá-las. Meu material de trabalho eram aqueles registros entre a memória e a fantasia. Ouvia estórias de todo tipo, das crônicas de guerra aos relatos arrependidos, amores possíveis e notícias de jornal, mas minhas preferidas eram as fronteiriças, na borda entre o que houve e o que houve na imaginação de quem me disse.

Aos noventa anos – ou quase isso: na falta de apenas um dia – imaginava que seu Elísio me daria relatos entrecortados, estórias superpostas, delírios e anunciações ou, como gostava de chamá-las, as alucinações denotativas da idade. A estória começaria em um ponto verídico, mas, ao percorrer o labirinto da memória, entraria pelos atalhos da ficção: mais do que uma limitação do narrador, era este o meu objetivo como ouvinte: aprender a lhe ouvir.

Começou-me a falar do 15 de abril de 1943. Segurou o braço de uma transeunte desatenta, que não vira o momento inoportuno em que tentava atravessar a avenida (o Recife, na época, já possuía um tráfego terrível...). Antes que ela pudesse lhe dirigir os agradecimentos de praxe, disparou-lhe sem piedade: “um café, em gratidão por sua vida”. Ela o aceitou, como num gesto de justiça, e foram às galerias. Desatei-me a sorrir: pela primeira vez me perdera do fio da verdade logo no primeiro instante da narrativa, a fantasia – como o inverno daquele ano – veio mais cedo que o esperado.

Se me viu sorrindo, não sei. Continuou a narrativa. Ela lhe disse que era engenheira, filha única, e que recentemente havia regressado da África, onde adotou dois elefantes órfãos, que morreriam na natureza sem os cuidados maternos e, por isso, deveriam crescer em cativeiro, até o dia em que decidissem partir de casa e não mais retornar. Disse-me de sua preocupação com as suas escolhas: teriam os elefantes discernimento suficiente sobre o momento de partir? Ela, com uma graduação nos dedos e outra a caminho, ainda não se decidira a sair de casa, que exemplo daria aos seus filhos por adoção?

“Pode lhe parecer estranho, mas ao vê-la em dúvida sobre o outro lado do Atlântico, tive mais vontade de ouvi-la. Era, para mim, o começo das mil e uma noites: três anos depois aceitaria meu sobrenome e partiria de casa para a nossa casa”.

Perguntei-lhe, então, como ouvira tais estórias: se era a leitura de um livro de ficção ou como alguém que acreditava em seu conteúdo. Nem um, nem outro: confiava na intenção de quem lhe contava: a estória partia, sobretudo, de seu coração. “Ser ou não ser” era uma dúvida filosófica demais, desnecessária ao pragmatismo de sua boa companhia. A fantasia não era uma mentira, mas uma opção de conquista: alguém de fato se preocupava em saber se Roma fora construída por dois gêmeos alimentados por uma loba? Ou se Lisboa surgiu de uma volta frustrada para Ítaca?

“Os dois elefantes poderiam ser Rômulo e Remo, Davi e Golias, Caim e Abel, não me importava: recebia a estória como a estória que me havia retirado do sono do cotidiano, e logo era eu com dificuldades de me concentrar nos semáforos e com medo de atravessar as avenidas: tudo girava em torno dela, em torno de seu braço no meu, quando andávamos pelo centro da cidade a falar sobre as maravilhas do mundo”.

Ela lhe disse que em Angola, mais de uma vez, assistiu às árvores explodirem durante as tempestades. Viu pessoas passarem a morar nos troncos fendidos dos embondeiros. Havia mesmo uma oração a ser feita antes de se entrar na intimidade dos troncos e assim evitar a queda dos raios. Disse-lhe que não gostava de berinjelas: as berinjelas lhe pareciam vísceras de uma planta, expostas ao



consumo, ou um útero, que pela mais elementar noção de respeito, não deveria ser cortado ou servir de alimento.

“Por cinquenta e um anos vivemos felizes. Você conhece meu neto mais novo, mas somos doze pais e vinte e um filhos, alguns tiveram seus filhos também. Somos uma dessas árvores largas, como os embondeiros, mas pode entrar em casa sem fazer suas orações, que eu falo por você: ela foi um raio na minha vida. Cinquenta e um anos e posso dizer que ainda somos felizes”.

Não menti. Como lhes disse, ainda estava aprendendo a ouvir estórias. Talvez por isso o tenha interrompido: por uma razão simples a sua conta não fechava. Não a conheci. Há cinco anos, dormindo em seu leito, ela não acordou. Já me haviam alertado sobre isso. Essa era outra estória, ou parte desta mesma estória, mas faltavam alguns anos aos cinquenta e um anos contados daquela tarde em que lhe segurou o braço pela primeira vez. Ela partiu antes disso: para mim, não havia dúvidas. Eu o interrompi justo quando me dizia que foram felizes e assim, em verdade, o interrompi injustamente.

“Venha amanhã. Noventa anos não são muito, mas para os filhos tudo é motivo de alegria”.

Naquele 18 de agosto de 1994, sentava-se na mesma cadeira, mas não era o mesmo do dia anterior: ninguém sabe o quanto um dia pode alterar o curso de uma estória.

“Por cinquenta e um anos, quatro meses e três dias fomos felizes. Parece-lhe mentira? Que ainda somos felizes? Mesmo que você não acredite, temos memória de elefante: Calema e Mbondo - tempestade e embondeiro, em *kimbundu* - nossos filhos adotivos, meus também. É possível ser feliz de memória? Não os vimos mais, três anos depois decidiram partir do orfanato, juntos”. Entregou-me um álbum e foi buscar o seu agasalho, “vem chuva por aí”. Em uma foto amarelada, um daguerreotipo talvez, dois elefantes pequenos acariciavam as mãos femininas, distraidamente.